



ARTIGO/DOSSIÊ

**A INVALIDAÇÃO DE CORPOS
FEMININOS NEGROS EM
*EU SEI PORQUE O PÁSSARO CANTA
NA GAIOLA*, DE MAYA ANGELOU,
E O OLHO MAIS AZUL,
DE TONI MORRISON**

ELIS REGINA FERNANDES ALVES
ANA BEATRIZ BRAZ

Elis Regina Fernandes Alves

Doutora em Letras-Estudos literários – pela UNESP – Universidade Estadual Paulista, 2018.

Docente da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, no Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente-IEAA (Humaitá-Amazonas) desde 2009.

Líder do grupo de pesquisa: Grupo de Estudos em Feminismo na Literatura.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6663555645904107>.

ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-2795-8062>.

E-mail: elisregi@ufam.edu.br.

Ana Beatriz Braz

Mestrado em Letras, Estudos Literários, pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

Graduada em Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa, pela Universidade Federal do Amazonas, 2021.

Professora temporária da Universidade Federal do Amazonas – campus Humaitá.

Membro do grupo de pesquisa: Grupo de Estudos em Feminismo na Literatura.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4226223913390462>.
ORCID iD: <http://orcid.org/0009-0001-0946-2338>.
E-mail: biabraz445@gmail.com.

Resumo: São analisados os romances *Eu sei porque o pássaro canta na gaiola* ([1969] 2018), de Maya Angelou, e *O olho mais azul* ([1970] 2009), de Toni Morrison, sob a perspectiva do feminismo negro. Objetivou-se verificar como os corpos femininos negros são invalidados, inferiorizados diante da criação de corpos padronizados, sempre brancos. A pesquisa contou com o apoio teórico de autoras do feminismo negro como Angela Davis (2016), bell hooks (2014; 2019), Djamila Ribeiro (2018), Grada Kilomba (2019), além do apoio teórico de autoras dos movimentos feministas, como Simone de Beauvoir (2009) e Naomi Wolf (1992). A pesquisa revela que os movimentos feministas iniciais universalizaram o conceito de mulher, sem levar em consideração a situação ainda mais problemática das mulheres negras. Nos romances, evidencia-se que as protagonistas femininas negras, Maya e Pecola, bem como outras personagens, têm seus corpos invalidados por uma sociedade racista, sexista e classista. Maya quer ser uma menina “branca e fofa” para ser bem vista, ao passo que Pecola quer ter olhos azuis para ter a vida que meninas brancas possuem, isto é, ser aceita. Ambas se constituem como o *outro do outro*, o verdadeiro outro absoluto, inferiorizadas por serem negras, mulheres e pobres.

Palavras-chave: Feminismo negro. Corpos femininos negros. Maya Angelou. Toni Morrison.

Abstract: The novels *I Know Why the Caged Bird Sings* ([1969] 2018), by Maya Angelou, and *The Bluest Eye* ([1970] 2009), by Toni Morrison, are analyzed under the perspective of the Black Feminism. The aim was to analyze how the black female bodies are invalidated, inferiorized before the creation of standardized bodies, always white ones. The research was based on the theoretical support of authors of the Black Feminism, such as Angela Davis (2016), bell hooks (2014; 2019),

Djamila Ribeiro (2018), Grada Kilomba (2019), besides authors from the feminist movements, as Simone de Beauvoir (2009), and Naomi Wolf (1992). The research reveals that the first feminist movements universalized the concept of woman, with no consideration about the even more problematic situation of black women. In the novels, it is evident that the black female protagonists, Maya and Pecola, as well as other characters, have their bodies invalidated by a racist, sexist and classist society. Maya wants to be a “white and fluffy” girl in order to be well regarded, and Pecola wants to have blue eyes to have the life of white girls, that is, to be accepted. Both constitute themselves as the *other of the other*, the true absolute other, turned inferior for being black, women and poor.

Keywords: Black feminism. Black female bodies. Maya Angelou. Toni Morrison.

PROBLEMATIZANDO A QUESTÃO

Este trabalho procura discutir como ocorre a invalidação de corpos femininos negros em duas obras de ficção, escritas por mulheres negras: *Eu sei porque o pássaro canta na gaiola* (1969), de Maya Angelou, e *O olho mais azul* (1970), de autoria de Toni Morrison. A pesquisa parte da ideia de que, embora pessoas negras e mulheres sejam numericamente superiores no mundo, elas lidaram, historicamente, com a resistência em relação às suas participações significativas para a coletividade, sendo constantemente submetidas às situações de exploração – das mais variadas.

Estar incluído em uma sociedade racializada influencia na interpretação equivocada de que as segregações sociais são questões naturais, impossibilitando que essas desigualdades sejam vistas com olhares críticos e reflexivos, uma vez que, ao vivenciar diariamente

padrões e estereótipos que colocam de forma absoluta brancos acima de negros, indivíduos envolvidos nesses sistemas se habituariam a tais cenários, reproduzindo de maneira natural e inconsciente o senso comum. Esses paradigmas ainda vivenciados no mundo contemporâneo possuem raízes na ancestralidade. Assim, entende-se que, para atingir o objetivo proposto nesta pesquisa, seja necessário entender, também, a trajetória que possibilitou a segregação imposta nas sociedades atuais através do racismo e da exploração de corpos negros, especificando os estudos à potencialização do racismo e do patriarcalismo impostos às figuras femininas negras.

A mulher negra foi, frequentemente, exposta a situações de exploração e de animalização. Por ter sido raptada das comunidades africanas e obrigatoriamente incluída no mundo ocidental, o qual desvalorizava a etnia e cultura de pessoas escravizadas e, além disso, invalidava a existência de mulheres em geral, a mulher negra vivenciava dois tipos de segregação: racial e de gênero. Nesse cenário, essa pessoa duplamente inferiorizada era representada como o outro absoluto, pois em nenhum contexto ela ocupava lugar de privilégio, embora todos os outros indivíduos possuíssem alguma representação que os colocassem em lugar de sujeito em algum momento – incluindo o próprio homem negro, pois diante do racismo que ocasionava sua exploração, ele conseguia ser colocado acima da mulher negra quando utilizava os privilégios patriarcais.

Vale ressaltar que a expressão *outro absoluto* foi criada por Simone de Beauvoir (2009), em *O Segundo Sexo*, obra basilar das críticas feministas, publicada em 1949. Para a filósofa, embora o homem consiga se perceber como sujeito absoluto, ele não consegue identificar reciprocidade na figura feminina e reconhecê-la também

como sujeito. Nesse sentido, sempre há ideias positivas relacionadas ao homem, pois ele é a referência principal; entretanto, a mulher sempre ocupa a posição do *outro absoluto* por não ser reconhecida integralmente como um sujeito e estar sempre sujeitada às limitações que o sujeito absoluto impõe às suas particularidades.

Nesse sentido, o feminismo negro, utilizado como base para analisar as representações de corpos afrodescendentes marginalizados, tenta promover local de fala para essas pessoas que por muitos anos foram silenciadas. Entretanto, nota-se que o gênero não é o único fator que influencia na segregação, mas questões raciais são um dos principais artifícios de uma sociedade que tenta descaracterizar a existência e o poder de representação da mulher negra.

No primeiro romance aqui analisado, de Maya Angelou, *Eu sei porque o pássaro canta na gaiola*, o público tem a possibilidade de encontrar diversos vestígios do racismo estrutural vivenciado pelos personagens e, além disso, conhecer de forma superficial a vida da autora, por se tratar de uma obra autobiográfica. O título do romance foi baseado no poema *Simpathy*, de 1899, do poeta negro Paul Laurence Dunbar, reconhecido nacionalmente como o primeiro poeta afro-estadunidense. (FANINI; AMARAL; SANDRINI, 2020, p. 2). A narrativa possibilita diversificadas formas de análise.

Maya, a protagonista, retrata as experiências, enquanto criança negra, vivenciadas na sua juventude. O nome real da autora é Marguerite Annie Johnson –apelidada de Maya ainda na infância pelo seu irmão –, nascida em St. Louis, Missouri, nos Estados Unidos, e que herdou o sobrenome Angelou de um ex companheiro.

Assim como a maioria da população negra, Maya Angelou não nasceu em uma família de classe alta e não tinha chances de grandes

oportunidades na vida. Por ser uma criança negra de pele escura, nesse contexto, ela trabalhou aos dezessete anos como condutora de trens; no meio artístico, ela se envolveu com o cinema e com a TV como diretora, produtora e roteirista. Essas funções demonstram que a autora não permitia limitar-se pelo patriarcalismo e racismo que a sociedade norte-americana impunha à comunidade preta, pois, ao atuar nessas áreas, ela rompia paradigmas de um mercado de trabalho predominado por pessoas do gênero masculino e da branquitude (FANINI; AMARAL; SANDRINI, 2020).

O segundo romance aqui analisado, *O Olho mais azul*, de Toni Morrison, retrata diversas conjunturas raciais que simbolizam a miséria e o racismo estrutural evidentes na sociedade estadunidense da década de 1940. Diante desse contexto, discutem-se os cenários de precarização e desmoralização envolvendo a população preta e, mais especificamente, o sexismo e a maior potencialização da opressão sobre mulheres negras que figuram na obra. A narrativa possibilita evidenciar que embora a opressão sexista abranja todas as mulheres, tal arbitrariedade nem sempre se dará em níveis proporcionalmente idênticos para todas.

A autora, além de trabalhos artísticos, também foi responsável por atuar em palestras, entrevistas, escrever artigos e críticas literárias. Embora seja conhecida pela sua relevância literária, suas experiências não se restringiram a essa área, tendo atuado também como editora chefe da revista *Random House* e sido professora de universidades renomadas como: Universidade do Sul do Texas, Princeton e Yale. Além de utilizar a literatura como manifestação cultural, Morrison também opera na tentativa de desconstruir uma sociedade racializada e patriarcal. O principal artifício para atuar na literatura com temáticas

que focam na raça e no gênero é sua própria existência, sendo uma mulher negra que percebe e vivencia a segregação sofrida pela população afrodescendente (SOUZA, 2022).

Observa-se que em ambas as obras há composições das experiências reais das autoras, embora em *O olho mais azul* isso ocorra de maneira menos preponderante e mais figurativa. Além disso, os dois objetos de estudo percorrem suas narrativas no contexto social estadunidense, demonstrando que, mesmo em meados do século XX, o racismo nos Estados Unidos se legitimava cotidianamente nas diversas experiências de pessoas negras, pois, Maya e Pecola, respectivamente as personagens principais de *Eu sei porque o pássaro canta na gaiola* e *O olho mais azul*, pertencem a contextualizações diferentes, já que a segunda vivencia um ambiente doméstico e social totalmente segregado, enquanto a primeira possuía uma experiência de vida doméstica mais positiva. Entretanto, as duas personagens vivenciavam a marginalização e exploração do corpo feminino, constatando que, independentemente do ambiente, a mulher negra ainda corria perigos reais de violência.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, realiza-se um levantamento teórico e crítico sobre o feminismo negro, utilizando autoras como Angela Davis (2016), em *Mulheres, Raça e Classe*, de 1981, na tentativa de promover um detalhamento histórico da exploração sofrida pela população afrodescendente nos Estados Unidos; e bell hooks (2014), em *E não sou eu uma mulher?*, de 1981, em que discute contextualizações voltadas à invalidação da mulher negra como pertencente ao gênero feminino, e em *Teoria Feminista: da margem ao centro*, de 1984, obra na qual utiliza sua experiência na cidade racista e com passado escravocrata, Hopkinsville, no Kentucky,

para iniciar as discussões sobre o fato de a mulher negra estar sempre à margem da sociedade, mais excluída, até mesmo, do que outros seres oprimidos pelo patriarcado ou pelo racismo.

Também sobre o feminismo negro, em *Quem tem medo do feminismo negro?* (2018), Djamila Ribeiro propõe reflexões para a sociedade a partir de suas próprias vivências como uma mulher negra e marginalizada. Para promover essas discussões, a autora se inspira em nomes renomados do feminismo negro, como bell hooks, Toni Morrison e Conceição Evaristo. Também serão utilizadas outras autoras que abordam a temática do feminismo, como Naomi Wolf, com a obra *O mito da beleza* (1992), na qual aponta as diversas manifestações capitalistas e patriarcais que submetem as mulheres a um ideal de beleza feminina; além de Simone de Beauvoir, com *O Segundo Sexo* (1949), dentre outras obras para alicerçar a discussão sobre as personagens femininas nas obras aqui em análise.

OS CORPOS FEMININOS NEGROS INVALIDADOS

Ao estudar sobre o feminismo de uma maneira hegemônica, constata-se certa noção de que as mulheres em geral são associadas aos padrões de feminilidade, maternidade ou dependência masculina. Essa visão universal do feminismo é, de certa forma, resultado de movimentos elitistas que por muito tempo reivindicaram os direitos de apenas uma parcela das mulheres. Por isso, é essencial desenvolver estudos profundos, reiterados e constantes que permitam investigar as experiências antepassadas e os resquícios disso a um existencialismo feminino segregado, possibilitando entender o quanto essa ancestralidade marginalizada de algumas mulheres reflete recorrentemente em suas participações na sociedade.

bell hooks, intelectual negra estadunidense, em *E não sou eu uma mulher?* (nomeado originalmente como *Ain't I a woman?* (1981)), faz referência ao famoso discurso de Sojourner Truth, ex-escravizada negra considerada uma das maiores referências dos movimentos abolicionistas. hooks (2014) estabelece uma discussão desde os raptos de pessoas negras em terras africanas, expondo que os colonizadores, os quais possuíam educação patriarcal, intensificaram essa opressão sobre as mulheres negras escravizadas, sujeitando-as a um tipo de exploração muito superior ao imposto aos demais indivíduos que sofriam algum tipo de discriminação – homens negros e mulheres brancas, por exemplo –, uma vez que a violência sofrida por mulheres negras acontecia a partir de três vertentes: sexismo, racismo e classismo. hooks descreve a maneira como a sociedade patriarcal estadunidense passou a visualizar a mulher branca como o padrão de feminilidade: “[...] Ela era descrita como boa e sem pecado; ela era virtuosa, pura, inocente, não sexual e mundana. Erguendo a mulher branca num *estatus* como deusa, os homens brancos efetivamente removeram o estigma no qual a cristandade a colocou” (2014, p. 24) e, em consequência disso, o corpo negro feminino era demonizado e visto como objeto sexual, como reitera Djamila Ribeiro:

Desde o período colonial, mulheres negras são estereotipadas como sendo ‘quentes’, naturalmente sensuais, sedutoras. Essas classificações, vistas a partir do olhar do colonizador, romantizam o fato de que essas mulheres estavam na condição de escravas e, portanto, eram estupradas e violentadas, ou seja, sua vontade não existia perante seus ‘senhores’. (2018, p. 95)

A construção ideológica sobre o corpo feminino negro se pautou em sua suposta sexualização, o que justificava seu estupro

e outras explorações sexuais. Isso ocorre em *O olho mais azul*, no qual Pecola, a menina protagonista, era amiga de três prostitutas, chamadas Polaca, China e Sra. Marie, sendo a primeira branca e as duas últimas negras. A convivência diária da criança com as mulheres serve como cenário de exemplificação da exploração do corpo feminino negro e de estereótipos implicados às mulheres não-brancas. Embora nesse ambiente haja a presença de Polaca, mulher branca e prostituta como as suas duas colegas, esse fato não anula a padronização do corpo negro visto como objeto sexual, pois era muito mais comum as mulheres negras recorrerem a esse tipo de serviço para sobreviver. Para Polaca, provavelmente uma imigrante europeia da Polônia, a inferioridade era também uma questão presente, mas por motivos econômicos e patriarcais e não pelas causas raciais que potencializavam a discriminação das outras duas mulheres, uma vez que, certamente, as oportunidades sociais eram muito mais limitadoras para China e Sra. Marie do que para Polaca.

Em *Teoria Feminista: da margem ao centro* (2019), bell hooks faz considerações acerca do feminismo elitista que, embora utilize o termo *mulher* para demonstrar luta por todas as mulheres, pratica um feminismo de exclusão daquelas figuras desprivilegiadas em questão de gênero, raça e classe. Nesse contexto, ainda no prefácio da obra, a autora discute acerca da tentativa da sociedade de invisibilizar a existência da população preta:

Estar à margem significa pertencer ao todo, mas estar fora do corpo principal. Na qualidade de americanos negros a viver numa pequena cidade em Kentucky, as linhas de caminho-de-ferro recordavam-nos diariamente a nossa marginalidade. Do outro lado dessas linhas, havia ruas pavimentadas, lojas onde não podíamos entrar, restaurantes onde não

podíamos comer e pessoas que não podíamos olhar diretamente nos olhos. Do outro lado dessas linhas, havia um mundo onde podíamos trabalhar como criadas, como contínuos, como prostitutas, desde que fosse na condição de serviço. Podíamos entrar naquele mundo, mas não podíamos viver lá. Tínhamos sempre de regressar à margem, de atravessar aquelas linhas, até às barracas e casas abandonadas na periferia da cidade. (HOOKS, 2019, p. 11)

bell hooks nasceu em 1952, numa cidade do Kentucky e utiliza sua vivência como mulher preta em um estado extremamente racista dos Estados Unidos para exemplificar a invisibilização dos corpos negros femininos, o que pode ser visto de maneira análoga nas personagens de *O olho mais azul*. Na narrativa, que se passa em Ohio, é possível identificar o quanto as personagens experienciam cotidianamente a exclusão, contrapondo-se à realidade da população privilegiada que possui diversas oportunidades e acessibilidades sociais. Evidencia-se, tanto pela passagem de hooks quanto pela obra de Morrison, que a marginalização da mulher negra é potencializada de acordo com as formas de existência de cada uma; sendo assim, a mulher negra prostituta era ainda mais discriminada que a mulher negra que vivenciava os limites impostos pelo sexismo, embora, em todos os casos, ela estivesse em posição desumanizadora. A sociedade branca e burguesa buscava sempre novas alternativas de manter domínio e supremacia sobre aqueles que possuíam minoria econômica e desvalorização sociocultural e racial.

A narrativa descreve a relação de Pecola com as três mulheres, além de dar detalhes da situação precária vivenciada no cotidiano de pessoas excluídas pela sociedade conservadora. Ao descrevem o encontro com os homens que, na maioria das vezes, eram casados,

elas evidenciam os fortes estereótipos impostos às donas de casa figuradas como “mulheres boas”, cristãs e corretas, e o seu oposto, as que traíam os maridos, vistas como “prostitutas disfarçadas”:

Também não sentiam respeito pelas mulheres que, embora não fossem, por assim dizer, colegas suas, enganavam o marido da mesma forma – regular ou irregularmente, não fazia diferença. Chamavam-nas de ‘prostitutas disfarçadas’ e não tinham a menor vontade de estar no lugar delas. Só tinham respeito pelas que chamavam de ‘boas mulheres de cor cristãs’. A mulher cuja reputação fosse imaculada, que cuidava da família, não bebia, não fumava nem tinha amantes. Mulheres assim gozavam do seu afeto imorredouro, ainda que dissimulado. Dormiam com o marido e aceitavam o dinheiro dele, mas sempre com uma vingança. (MORRISON, 2009, p. 44)

A passagem acima indica os visíveis e bem delimitados papéis femininos de acordo com a posição social que as mulheres, mesmo aquelas prostituídas, incorporavam nos discursos patriarcais, uma vez que afirmavam não respeitar aquelas que traíam os maridos, mesmo que eles as traíssem; mas respeitavam as mulheres que eram subservientes e cristãs. Esses pensamentos influenciam negativamente não apenas aquelas que eram diretamente atingidas, mas todas as demais, pois reforçam a ideia de que devem passividade e obediência aos homens.

A institucionalização social da opressão e do pecado feminino para a mulher branca fez com que elas fossem dominadas e reprimissem seus instintos sexuais. Construiu-se uma mulher que não era, de fato, relevante para a evolução social, pois suas únicas funções eram servir e procriar. Beauvoir descreve, com efeito, como ocorre essa sistematização patriarcal que faz com que as mulheres incorporem os estereótipos e limitações de maneira inconsciente:

A feminilidade é uma espécie de ‘infância contínua’ que afasta a mulher do ‘tipo ideal da raça’. Essa infantilidade biológica traduz-se por uma fraqueza intelectual; o papel desse ser puramente afetivo é o de esposa e dona de casa; ela não poderia entrar em concorrência com o homem: ‘Nem a direção nem a educação lhe convêm’. (BEAUVOIR, 2009, p. 148)

Beauvoir é a principal teórica desses feminismos iniciais e contextualiza diversas reflexões acerca do corpo feminino. Entretanto, não há uma discussão plural sobre as vivências femininas no mundo, por serem muitas vezes voltadas para o corpo de mulheres brancas. Sobre isso, Angela Davis faz uma crítica acerca de a mulher branca, muitas vezes, comparar sua situação de confinamento ao lar a uma prisão, que se assemelharia à escravização. Há certa ironia nessa situação, pois, para as donas de casa, os movimentos feministas *não estavam* realmente ligados a uma luta por sobrevivência, ao contrário do que representava para as mulheres negras, pois: “a mulher escrava era, antes de tudo, uma trabalhadora em tempo integral para seu proprietário, e apenas ocasionalmente esposa, mãe e dona de casa” (DAVIS, 2016, p. 24); evidenciando, ainda mais, a disparidade em relação às vivências de cada personalidade feminina na sociedade. A mulher negra sempre foi útil para a coletividade, embora essa utilidade nunca fosse em benefício próprio, mas sempre de sujeitos brancos. Mesmo após o fim da escravidão, a população negra não se desvencilhou da exploração capitalista, e a mulher negra, ao contrário das donas de casa, precisava trabalhar fora de casa, cumprir cargas horárias extremamente cansativas e tarefas humilhantes, impossibilitando que ela pudesse exercer outros aspectos de sua vida, pois, após tantas horas de trabalho, não havia disposição nem horário suficiente para lutar por suas causas em movimentos feministas.

Sobre a situação de mulheres escravizadas, Davis (2016) esclarece que homens e mulheres eram submetidos a explorações desumanizadoras, entretanto, considera-se que apenas a mulher era vista e tratada como objeto sexual, lidando com o estupro constante, as dores da gestação para aumentar a mão de obra escravizada ao mesmo tempo em que exerciam os trabalhos da escravidão aos quais eram condicionadas. Havia a opressão sofrida pela população negra em geral, mas em relação às mulheres, havia violências específicas de seu estado biológico corrompido por estereótipos negativos:

A exploração racista das mulheres negras como trabalhadoras quer nos campos ou como domésticas na casa grande não era tão desumanizada e desmoralizante como a exploração sexual. O sexismo colonial dos homens brancos patriarcais poupou os homens negros escravos da humilhação da violação homossexual e outras formas de assalto sexual. Enquanto o sexismo foi um sistema social que protegeu a sexualidade dos homens negros, ele (socialmente) legitimou a exploração sexual das mulheres negras. (HOOKS, 2014, p. 19)

A cisheteronormatividade é um dos maiores instrumentos patriarcais, e o fato de os escravizados serem absolvidos da exploração sexual dos patrões não significava empatia, mas conservação da própria virilidade desses patrões. A exploração sexual de mulheres escravizadas iria muito além do prazer sexual, era o exercício do próprio poder e da desmoralização de determinada pessoa. Ao cometer estupro, o homem branco reafirmava sua posição de “dono” e, conseqüentemente, confirmava a subjugação e opressão da pessoa assaltada sexualmente; além disso, o estupro servia como forma de emascular os homens negros que se sentiam impotentes

por não conseguirem proteger as mulheres estupradas. Embora esse pensamento de “proteção” sobre a figura feminina seja reflexo do patriarcalismo, os colonizadores utilizavam justamente essa conveniência sexista para desmoralizar o homem negro, que se sentia insignificante diante da sua incapacidade de exercer sua virilidade:

O efeito sobre a psique negra disto [do estupro] raramente pode ser exagerado. Afetadas não foram apenas as inúmeras mulheres negras que foram vítimas imediatas, mas também todos as outras que viveram suas vidas com medo de que pudessem se tornar também vítimas. Além disso, a escolha sexual branca não levava em conta qualquer relação existente entre uma escrava e um escravo. Humilhados pela sua própria impotência, os negros tinham simplesmente de suportar a violação de mulheres com quem tinham estabelecido uniões de amor e respeito. (SEGAL, 1995, p. 59, tradução nossa)¹

Nesses casos, o machismo servia como fonte de desmoralização da população negra em geral, uma vez que as mulheres abusadas sexualmente eram categorizadas como propriedades de um homem branco – há a ideia de animalização do corpo feminino também – e os homens escravizados se reconheciam em posição de impotência.

Se o “patrão” tivesse a oportunidade de confirmar sua autonomia e superioridade por meio da exploração sexual, sem que seus estigmas de masculinidade e virilidade fossem atingidos, provavelmente, os homens em condição de escravidão também teriam sofrido com esse tipo de abuso. A sociedade patriarcal revalida cotidianamente

1 “The effect on the black psyche of this can scarcely be exaggerated. Affected were not only the innumerable black women who were immediate victims, but also all the others who lived their lives in fear that they might become such. Moreover, white sexual choice took no account of any existing relationship between a female slave and a male one. Humiliated by their very helplessness, black men had simply to endure the rape of women with whom they had established unions of love and respect” (SEGAL, 1995, p. 59).

as incorporações de comportamento para cada gênero, e isso influencia diretamente no envolvimento sexual entre homens, pois descaracteriza a masculinidade que o sexismo estabelece. Davis reflete acerca da exploração sobre o corpo feminino negro configurar a potencialização da exploração de mulheres escravizadas:

Mas as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas. (DAVIS, 2016, p. 25)

Ao entender como a figura feminina negra foi relegada duplamente à alteridade, pois não era vista como mulher, mas também não possuía o status dos homens negros, Davis entendeu que o conceito de mulher, como percebido pelos sistemas patriarcais mundo afora, não compreendia a mulher negra como mulher, o que fora questionado por Sojourner Truth, em 1851, em seu discurso posteriormente conhecido como *Não sou eu uma mulher?*. Truth foi uma das personagens femininas mais significativas para a defesa pelos direitos da mulher negra e sua voz tem sido recuperada pelos movimentos feministas negros e plurais.

Arei a terra, plantei, enchi os celeiros, e nenhum homem podia se igualar a mim! Não sou eu uma mulher? Eu podia trabalhar tanto e comer tanto quanto um homem – quando eu conseguia comida – e aguentava o chicote da mesma forma! Não sou eu uma mulher? Dei à luz

treze crianças e vi a maioria ser vendida como escrava e, quando chorei em meu sofrimento de mãe, ninguém, exceto Jesus, me ouviu! Não sou eu uma mulher? (TRUTH apud DAVIS, 2016, p. 77)

O discurso *Não sou eu uma mulher?* foi duplamente importante, primeiro pela fala contra a misoginia e o sexismo que impedia a progressão dos direitos da mulher na sociedade, segundo por causa do racismo que as mulheres negras sofriam dentro do próprio movimento feminista, cometido pelas irmãs brancas. Truth não era menos mulher por ser ex-escravizada e negra, mas conseguiu explicitar que a mulher negra tinha que lidar com o sexismo e com o racismo, inclusive daquelas que deveriam acolhê-la.

Sobre a condição da mulher branca em sociedades patriarcais, Beauvoir (2009), em *O Segundo Sexo*, discute que a mulher não se constitui um sujeito completo e pensante por sua própria individualidade, mas somente se constitui sujeito na existência de um ser masculino, se configurando, assim, como o outro absoluto, pois, se o primeiro é constituído de percepções e vivências positivas, a mulher enquanto o *outro* é constituída de convenções negativas sobre sua individualidade e existência: “A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (BEAUVOIR, 2009, p. 15). Nessa relação, como se caracteriza a mulher negra? Grada Kilomba, em *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano* (2019), subverte essa ideia sobre a mulher e vê que o fundamentalismo do *outro* beauroviano recai, novamente, em um conceito feminista homogêneo, pois não considera outras diversidades que colocam determinadas mulheres abaixo, inclusive, desse outro absoluto:

Toda vez que eu sou colocado como ‘outra’ – seja a ‘outra’ indesejada, a ‘outra’ intrusa, a ‘outra’ perigosa, a ‘outra’ violenta, a ‘outra’ passional, seja a ‘outra’ suja, a ‘outra’ excitada, a ‘outra’ selvagem, a ‘outra’ natural, a ‘outra’ desejável ou a ‘outra’ exótica –, eu estou inevitavelmente experienciando o racismo, pois estou forçada a me tornar a personificação daquilo que o sujeito branco não quer ser reconhecido. Eu me torno a/o ‘Outra/o’ da branquitude, não o eu – e, portanto, a mim é negado o direito de existir como igual. (KILOMBA, 2019, p. 41)

A mulher branca pode, em alguns momentos, assumir a posição de sujeito e confirmar reciprocidade diante da figura masculina, seja homem branco ou homem preto, embora essa equiparação não seja integral e ocorra de forma hesitante, mas realiza-se em algum momento; já a mulher negra não assume essa posição nunca. Sendo assim, para Kilomba, a mulher negra não é o outro absoluto, pois não mantém relação de reciprocidade com um ser masculino nunca, nem mesmo com a mulher branca. Para a autora, a mulher negra, vítima do racismo e do sexismo, é colocada na posição de *outro do outro*.

Diante destas circunstâncias e posições sociais, o homem negro, ainda que beneficiado pela masculinidade patriarcal, quando colocado em confronto com um branco, tem a virilidade retraída, mas isso não o isenta de exercer essa masculinidade quando colocado em conflito com uma mulher que sofre com os mesmos preconceitos raciais. Ribeiro corrobora a ideia de Kilomba sobre o fato de a mulher negra não conseguir manter reciprocidade com homens negros nem com mulheres brancas:

Kilomba, além de mostrar que mulheres possuem situações diferentes, rompe com a universalidade em relação aos homens também mostrando que a

realidade dos homens brancos não é a mesma da dos homens negros, e que em relação a estes deve-se fazer a pergunta: de quais homens estamos falando? Reconhecer o status de mulheres brancas e homens negros como oscilante nos possibilita enxergar as especificidades e romper com a invisibilidade da realidade das mulheres negras. Para Kilomba, ser essa antítese de branquitude e masculinidade impossibilita que a mulher negra seja vista como sujeito. Nos termos de Beauvoir, seria a mulher negra, então, o outro absoluto. (RIBEIRO, 2018, p. 84)

Considera-se, então, que a mulher negra, e não a branca, ocuparia a posição do *outro absoluto*, pois, ela não estaria em status de evidência em nenhuma situação. Em *O olho mais azul*, há uma passagem que representa esse sistema categorizador que impõe, de certa forma, posições sociais de relevância ou irrelevância sobre as pessoas. Por exemplo, quando Cholly, ainda na adolescência, é pressionado, por homens brancos, a estuprar uma menina negra:

Quando ainda era bem jovem, fora surpreendido no meio de umas moitas por dois homens brancos, enquanto se empenhava, com inexperiência mas diligência, em obter prazer sexual de uma garotinha do interior. Os homens iluminaram o traseiro dele com uma lanterna. Ele parou, aterrorizado. Eles riram por entre os dentes. O facho de luz não se moveu. 'Vamos', disseram. 'Vai, acaba. E vê se faz direito, crioulo'. A lanterna não se moveu. Por algum motivo, Cholly não sentiu ódio dos brancos; sentiu ódio, desprezo, pela garota. (MORRISON, 2018, p. 34)

Observa-se, nessa citação, que há duas representações sociais superiores à menina negra: o jovem negro e o homem branco, e este último lidera a situação e se reconhece como superior, se comprazendo com a submissão de Cholly, que não deve ser vista como consciente.

Cholly, como homem negro, cresceu condicionado a incorporar essas ideologizações que, de certa maneira, são tão fortes ao ponto de fazê-lo sentir raiva da jovem negra, que era a principal vítima da situação, e não dos homens brancos. Ocorre que contra os homens brancos, Cholly não podia reagir, mas contra a menina negra sim. A menina negra, aqui, é o *outro do outro*, o verdadeiro *outro absoluto*.

Se, no homem negro, as ideias de humilhação e invisibilidade se faziam presentes e constantes, nas mulheres negras escravizadas ainda havia a animalização de seus corpos, que serviam como objeto de fecundação e posterior procriação para o aumento da mão de obra, principalmente após a abolição do tráfico internacional de escravizados e a menor possibilidade de negociação de sujeitos escravizados capturados no continente africano. Dessa forma, a maternidade das mulheres negras passou a ser um importante requisito para a valorização do preço das escravizadas. Isso não significava que a mulher negra recebia o mesmo tratamento “divino” que a maternidade automaticamente impunha para mulheres brancas que engravidavam, como definiu Beauvoir: “As irmãs, as amigas de infância, as moças puras, todas as futuras mães fazem parte da legião abençoada. E a própria esposa, quando sua magia erótica se dissipa, apresenta-se a muitos homens menos como amante do que como mãe dos filhos” (BEAUVOIR, 2009, p. 219). Mais uma vez, mulheres negras não eram “contempladas” com os estereótipos femininos, pois não eram vistas como mulheres efetivamente, eram vistas e tratadas de forma animalizada e capitalista, como mercadorias:

A exaltação ideológica da maternidade – tão popular no século XIX – não se estendia às escravas. Na verdade, aos olhos de seus proprietários, elas não eram realmente mães; eram apenas instrumentos

que garantiam a ampliação da força de trabalho escrava. Elas eram ‘reprodutoras’ – animais cujo valor monetário podia ser calculado com precisão a partir de sua capacidade de se multiplicar. (DAVIS, 2016, p. 26)

Enquanto a maternidade para mulheres brancas estabelecia santificação, a mãe negra era vista como objeto de reprodução de lucros. Em *O olho mais azul*, há um trecho que exemplifica bem essa situação, mesmo que a história se passe quase um século após a abolição:

Depois que ele foi embora, vieram outros médico. Um velho e outros moço. O velho tava ensinando os moço sobre bebês. Mostrando como fazer. Quando chegou a minha vez, ele disse que com essas mulher vocês não têm problema algum. Elas dão à luz logo e sem dor. Exatamente como as égua. Os moço deu um sorrisinho. Olharam a minha barriga e entre as minha perna. Não me disseram uma palavra. Só um olhou pra mim, pro meu rosto. Eu encarei ele, ele baixou a vista e ficou vermelho. Acho que ele entendeu que eu talvez não era uma égua parindo. Mas os outro *não entendeu. Foram em frente. Eu vi eles conversando com as mulher branca: ‘Como está se sentindo? Vai ter gêmeos?’*. Conversa à toa, claro, mas conversa boa. Conversa boa e atenciosa. Eu fiquei nervosa e, quando as dor piorou, fiquei contente. Contento de ter outra coisa pra pensar. Gemi muito. As dor *não* tava assim tão forte, mas eu tinha que fazer aquela gente saber que ter um bebê era mais do que ter vontade de ir no banheiro. Eu sentia tanta dor quanto as branca. Não era porque eu não tava gritando e berrando antes que eu não tava sentindo dor. (MORRISON, 2018, p. 90-91)

O tratamento desumanizador às “mães” negras se evidencia quando Pauline, como mulher negra, é comparada a uma égua. Mas, evidencia-se que Pauline não é passiva a isso. Ela reage, como pode.

Entende o tratamento diferenciado, entende que não é vista como as mulheres brancas. Em *Eu sei porque o pássaro canta na gaiola*, há uma passagem que demonstra que a abolição havia acontecido apenas em questões nominais, mas que, na prática, pessoas negras continuavam sendo vistas como trabalhadores braçais, mesmo que possuíssem uma situação mais estabilizada que a grande maioria da população negra, como era o caso da avó de Maya:

Algumas famílias lixentas da pobreza branca moravam no terreno da fazenda de Momma atrás da escola. Às vezes, um amontoado delas ia para o Mercado, ocupava o único aposento, tirava o ar do ambiente e até mudava os odores conhecidos. As crianças subiam umas nas outras e nos cestos de batatas e cebolas, falando o tempo todo com as vozes agudas como violões cigarbox. Elas tomavam liberdades no meu Mercado que eu jamais ousaria ter. [...] Elas chamavam meu tio pelo primeiro nome e davam ordens a ele no Mercado. Ele, para minha grande vergonha, obedecia no seu jeito manco-reto-manco. Minha avó também seguia as ordens delas, só que não parecia servil, porque previa suas necessidades. (ANGELOU, 2018, p. 34)

Esse trecho da narrativa expõe que o racismo e a ideia de supremacia branca não permitiam que a população negra vivesse de forma digna. A passividade da avó de Maya é justificada a partir da vivência de uma mulher que, certamente, incorporou qual o seu “lugar no mundo”, qual deveria ser seu comportamento diante de pessoas que, mesmo mais novas e mais pobres que ela, possuíam representatividade mais significativa para uma sociedade racista. Entretanto, nem todas as mulheres foram passivas diante da violência branca, como foi o caso de Margaret Garner (1834-1858), que preferiu

assassinar a própria filha do que *vê-la ser escravizada novamente e reviver todo o sofrimento* da mãe. Essa história real foi transformada em ficção por Toni Morrison, na obra *Amada* (publicada em 1987), em que ela retrata esse assassinato e todo o sofrimento posterior de uma mãe que tenta conviver com a dor de ter matado a própria filha, sua única forma de resistência à escravidão naquele momento.

Em relação à forma negativa com que mulheres negras foram e são vistas, há que se considerar, ainda, o fator estético, que se aplica de maneira diferenciada para mulheres negras e brancas. Por mais que os movimentos feministas tentem reconduzir a sociedade a um caminho menos desestruturado em termos sexuais e socioculturais, a desvalorização étnica de pessoas afrodescendentes continua colocando-as em posições de subalternidade, uma vez que os traços efetivamente negros (cabelo crespo, pele mais escura, nariz menos aquilino, lábios grossos, entre outros), desenvolvem certa inferiorização dessas pessoas sob outras. Ao se tratar das mulheres, esse fato é ainda mais forte por ser conciliado aos estereótipos patriarcais que estabelecem um padrão de beleza ocidental. A pele clara desperta a atenção e o respeito dos outros, enquanto que a pele escura dá ao outro a autorização para desrespeito e preconceito.

É possibilitado que pessoas negras, mas com algumas características ocidentais (traços do rosto mais finos, cabelo cacheado ou liso, pele mais clara, olhos castanhos, verdes ou azuis), sejam mais “aceitas” pela sociedade, pois estão mais perto da padronização de beleza imposta pelo eurocentrismo. Sobre isso, Alice Walker cunhou o termo *colorismo*, na década de 1980, para explicar como o conceito de negritude pode ser mais ou menos opressor de acordo com o tom de pele das pessoas ou traços mais ou menos europeus. Em um

cenário geral, as mulheres são ensinadas a disputar para serem mais bonitas que outras, entretanto, a menina negra que não se enquadra em nenhuma padronização não tem qualquer chance de ser admirada por esse quesito, ocorrendo uma natural inferiorização de si mesma e, conseqüentemente, de seus descendentes. Nesse caso, o padrão de beleza influencia diretamente na desvalorização de corpos negros, pois a menina cresce nesse universo que a faz crer na própria feiura irreversível e indisfarçável. Pode-se observar a figuração desta realidade, primeiramente, em *O olho mais azul*:

O transtorno das estações foi obra de uma menina nova na escola, chamada Maureen Peal. Uma criança de sonho, mulata claríssima, de cabelo castanho comprido, preso em duas tranças grossas que lhe pendiam às costas. Era rica, pelo menos para os nossos padrões, tão rica quanto as mais ricas das meninas brancas, envolta em conforto e cuidados. A qualidade de suas roupas ameaçava nos deixar desvairadas, a mim e a Frieda. Sapatos de verniz com fivelas, de que só ganhávamos uma versão mais barata na Páscoa e que se desintegrava no final de maio. Suéteres felpudos da cor de gotas de limão, enfiados para dentro de saias com pregas tão certinhas que nos deixavam perplexas. Meias três-quartos de cores vivas com bordas brancas, casaco de veludo marrom enfeitado com pele de coelho branca, e um regalo combinando. (MORRISON, 2018, p. 48)

As meninas sentiam-se fascinadas não apenas pela beleza de Maureen, mas, também, por todos os itens utilizados por ela, uma vez que nunca seriam vistos em meninas negras como Pecola, Claudia e Frieda, por não possuírem traços aceitáveis de beleza. Por mais que Maureen seja uma criança negra também, ela se comporta como branca, e utiliza a sua pele clara e os olhos verdes a favor

dessa incorporação de branquitude. Todos os artifícios de beleza são utilizados por Maureen, não apenas porque ela possui condições financeiras para isso, mas também e, principalmente, porque ela possui fenótipos condizentes com esses requisitos dominantes. Sendo assim, tudo que é bom e bonito está associado ao padrão de beleza ocidental, por isso Pecola deseja ter olhos azuis, pois seria, de certa forma, um caminho positivo para que ela fosse habilitada a utilizar esses adereços, uma vez que, mesmo que Pecola possuísse condições financeiras para consumir os produtos que Maureen utiliza, ela não faria isso isenta de julgamentos, já que o padrão de beleza continuaria reprovando a representação social dela e de seu corpo categorizado negativamente como negro.

Uma especificidade interessante desse romance de Morrison é a presença recorrente das estações do ano, podendo manter certa relação com as personagens da obra. Maureen é associada ao verão, pois é uma estação quente, que lembra vivacidade, alegria, beleza; logo, esse tipo de comparação faz o leitor associar a personagem à maneira como ela era vista pela sociedade, como era tratada e como vivia, recebendo afeto, respeito, gerando admiração. Além disso, a introdução de Maureen na narrativa acontece no capítulo intitulado “Inverno”, época do ano em que: “A pele assume o amarelo pálido e melancólico do sol de inverno” (MORRISON, 2018, p. 47), ou seja, uma estação com diversas ideias negativas. Em seguida, há a quebra dessa negatividade, pois a presença de Maureen, que é associada ao verão, causa otimismo, traz beleza, entre outras sensações positivas:

Na altura em que este inverno se havia apertado num nó odioso que nada conseguia afrouxar, alguma coisa o afrouxou, ou melhor, alguém. Alguém que estilhaçou o nó em fios prateados que nos amarraram,

enredaram-se à nossa volta e nos fizeram ansiar pela monótona irritação do tédio anterior. O transtorno das estações foi obra de uma menina nova na escola, chamada Maureen Peal. [...] Havia uma insinuação de primavera em seus olhos verdes amendoados, algo de verão em sua tez e uma rica plenitude de outono no seu jeito de andar. (MORRISON, 2018, p. 48)

A presença de Maureen em uma comunidade com a maioria da população negra pode indicar uma tentativa da autora em fazer um paralelo com uma beleza feminina “aceitável” e “padronizada” pelo colorismo. Maureen era o verão dentro do inverno, era a beleza dentro de um lugar feio; era o quente dentro do frio, úmido; era o delicado dentro do duro, pesado.

Pauline, mãe de Pecola, também figura como um desses sujeitos oprimidos pelos padrões ocidentais, sendo preenchida por todos os mitos de beleza que menosprezam suas características afrodescendentes. Uma das passagens que demonstra o impacto causado na mulher negra é quando Pauline vai ao cinema:

Lá, no escuro, sua memória se reavivou e ela sucumbiu aos sonhos antigos. Além da ideia de amor romântico, foi apresentada a outra – à da beleza física. [...] Ao igualar beleza física com virtude, ela despiu a mente, restringiu-a e foi acumulando desprezo por si mesma. [...] Depois da educação que recebeu do cinema, nunca mais foi capaz de olhar para um rosto sem classificá-lo de alguma forma na escala da beleza absoluta, uma escala que ela absorvera na íntegra da tela prateada. (MORRISON, 2019, p. 89)

Não apenas nas relações cotidianas a estética branca preserva seu privilégio, mas também naquilo que é reproduzido nos diversos meios de comunicações e demais aparelhos ideológicos. De acordo com

Wolf (1992), a beleza é um dos principais artifícios para que a mulher esteja sob o domínio de figuras masculinas, pois, ao personificar conceitos estéticos, a mulher se torna vítima da busca pela perfeição, da rivalidade e disputa com outras mulheres, o que dificulta a união feminina: “A ‘beleza’ é um sistema monetário semelhante ao padrão ouro. Como qualquer sistema, ele é determinado pela política e, na era moderna no mundo ocidental, consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino” (WOLF, 1992, p. 11). Morrison caracteriza Pauline como essa mulher que tenta estar de acordo com os padrões de beleza, entretanto, até mesmo no cinema, as realizações positivas estão reservadas para aqueles constituídos por privilégios, por isso, Pauline não se identifica com as pessoas que protagonizam os filmes, pois sabe que se trata de uma realidade muito distante da sua, ocasionando uma natural incorporação de menosprezo próprio, cujo desprezo ela transfere aos seus pares, incluindo seus filhos:

Mas a Pecola, desde o começo parecia que ela sabia o que tinha que fazer. Um bebê esperto. Eu gostava de olhar pra ela. Eles faz uns barulhinho guloso. O olho meigo e úmido. Cruzamento de cachorrinho e homem morrendo. Mas eu sabia que ela era feia. A cabeça coberta de um cabelo bonito, mas, meu Deus, como ela era feia. (MORRISON, 2019, p. 91)

Testemunhar e vivenciar diariamente o padrão de beleza imposto na sociedade, principalmente para mulheres, impossibilitava que uma mãe negra enxergasse beleza nos seus filhos. Percebe-se que, na passagem acima, Pauline cita algumas características positivas na filha, mas logo reafirma a falta de beleza, como se ela estivesse constantemente tentando situar-se na realidade, além de desde cedo preparar sua filha para o mundo e os princípios que o constituem.

Em *Eu sei porque o pássaro canta na gaiola*, Maya também é afetada pelas ideologias acerca da beleza feminina. Embora ela viva em um local bem estruturado, cercada de amor e cuidados por sua avó e seu irmão mais novo, isso não a isenta de sonhar com uma beleza branca. Diante da impossibilidade de atingir ao ideal estético feminino, sempre branco, só lhe restava imaginar ter esse tipo de beleza:

Eu ia parecer uma daquelas garotinhas brancas fofas que eram o sonho ideal de todos sobre o que era certo no mundo. Pendurado [o vestido] delicadamente por cima da máquina de costura Singer preta, parecia magia, e quando as pessoas me vissem com ele, elas correriam até mim e diriam ‘Marguerite (às vezes era ‘querida Marguerite’), nos perdoe, por favor, nós não sabíamos quem você era’. E eu responderia, com generosidade: ‘Não, vocês não tinham como saber. Claro que perdoe vocês’. (ANGELOU, 2018, p. 14)

Assim como a cor preta é rotulada negativamente em diversos aspectos, a cor branca é sempre colocada como algo bom, delicado ou fofo, e essa concepção é estendida às pessoas de acordo com a cor da pele de cada um. Como pode ser observado na passagem acima, a criança associa pessoas brancas às coisas fofas e como o “sonho ideal” de todos, o que era correto, e tal percepção não classifica o pensamento dela, em particular, mas durante a vivência e a interação com a sociedade em geral, ela percebeu que as pessoas favoritas de todos sempre eram brancas; conseqüentemente, o foco não é, apenas, ser bonita, mas há a aspiração em ser querida por todos, algo incomum para pessoas negras. A isso, se atrela sua “bondade” e capacidade de perdoar, características positivas que Maya, inconscientemente, conecta à branquitude. Sendo branca, seria mais bondosa e generosa. Maya não sabe, de fato, o porquê de

agir com essa passividade e bondade, mas são situações intrínsecas, com suas razões fundamentadas no racismo estrutural, em que o preto está sempre ligado ao negativo e o branco ao positivo.

Em ambos os casos, as duas crianças negras consideradas feias pela comunidade da qual fazem parte carregam a bagagem do preconceito, da desvalorização e da segregação, mesmo que muito novas. Para elas, o problema maior estava associado à questão estética, pois era essa percepção externa que se caracterizava como mais visível diante da discriminação sofrida pelo negro e da valorização feita ao branco. O desejo de Pecola em possuir olhos azuis e o de Maya de ser uma garotinha branca e fofa demonstram que as pretensões não estavam apenas em serem consideradas bonitas, mas na associação feita às pessoas com características ocidentais de serem sempre aceitas, não serem silenciadas ou invisibilizadas.

Sobre Pauline, mãe de Pecola, ainda se pode analisar sua vivência diária como empregada doméstica, sendo diariamente confrontada entre duas realidades, uma dessas sendo sua própria vida e todas as questões que envolvem seu cotidiano: será mãe de uma família desestruturada, com um marido alcóolatra e, diante de sua incapacidade de transmitir afeto aos filhos, vivenciar frustrações diárias. Em contrapartida, há uma realidade mais reconfortante e que possibilita que a personagem, finalmente, se sinta parte completa e significativa da sociedade, que é quando ela está no local de trabalho:

Ali encontrava beleza, ordem, limpeza e elogio. [...] Ela reinava sobre armários abarrotados de comida que não seria consumida durante semanas, meses até; era a rainha de legumes enlatados comprados às caixas, dos fondants especiais e docinhos em minúsculos pratos prateados. Os credores e os vendedores que a

humilhavam quando ela os procurava em seu próprio nome a respeitavam, ficavam até intimidados com ela, quando falava pelos Fisher. Recusava a carne que estivesse ligeiramente escura ou cujas beiradas não estivessem bem aparadas. O peixe ligeiramente malcheiroso que aceitava para a própria família ela praticamente atirava na cara do peixeiro, se ele o mandasse para a casa dos Fisher. Naquela casa ela tinha poder, elogios e luxo. (MORRISON, 2019, p. 93)

Quando está trabalhando para a família Fisher, composta por brancos bem estruturados e ricos, ela consegue realizar-se como sujeito, pois pode experimentar a dignidade que nunca será vivenciada quando está fora desse convívio glamourizado. A patroa de Pauline pertence à classe alta e, através dessa personagem, é possível verificar o cuidado da autora ao caracterizar uma figura feminina que demonstra ser consciente quanto aos discursos e movimentos feministas, mas que pratica um feminismo elitista, sem considerar mulheres que estejam fora desse sistema privilegiado. Esse fato pode ser notado quando Pauline descreve que sua demissão ocorreu por causa de seu marido, Cholly, que invadiu a residência dos Fisher para conseguir o dinheiro da esposa; nesse momento, a patroa condiciona sua permanência no trabalho à *separação* do marido, e isso ocorre de forma totalmente distante das prerrogativas raciais que Pauline enfrenta:

Quando aquela branca viu ele, ficou vermelha. Tentou se fingir de forte, mas tava morta de medo. Disse pro Cholly ir embora ou ela chamava a polícia. Ele xingou e começou a me puxar. Eu podia avançar pra cima dele, mas não queria encrenca com a polícia. Então peguei as minhas coisa e fui embora. Tentei voltar, mas ela não me queria mais, se eu fosse continuar com o Cholly. Ela disse que me deixava ficar se eu largasse dele. (MORRISON, 2019, p. 88)

Essa passagem demonstra que, embora houvesse o patriarcado como fator comum de discriminação entre as mulheres, esse fator não era suficiente para que elas superassem as convenções racistas, classistas e capitalistas existentes na sociedade. A patroa personifica a mulher branca de classe alta, que possuía total desconhecimento sobre a realidade das mulheres negras, uma vez que ela tenta influenciar Pauline a abdicar do seu casamento para continuar no emprego, sem entender seu contexto de vida.

Apesar de a Sra. Fisher expor seu conhecimento em relação às questões de gênero, o mesmo não ocorria quanto às demais subjugações às quais Pauline estava exposta. Sobre esse tipo de situação, afirma Davis (2016, p. 112), “a serviçal [...] trabalhava com o único propósito de satisfazer as necessidades de sua senhora. Provavelmente enxergando sua criada como mera extensão de si mesma, a feminista dificilmente poderia ter consciência de seu próprio papel ativo como opressora”. A patroa, por mais que demonstrasse ter pensamentos mais críticos em relação à liberdade feminina, ainda se apresenta como alguém que não reflete sobre questões raciais e classistas, que também são importantes nesse processo de desconstrução patriarcal:

Ela disse que me deixava ficar se eu largasse dele. Pensei no caso. Mas mais tarde não achei muito inteligente uma preta abandonar um preto por causa de uma branca. E ela nunca me pagou os onze dólares que me devia. Isso foi terrível. O homem do gás tinha cortado o gás e eu não podia cozinhar. Eu implorei pra aquela mulher me pagar. (MORRISON, 2019, p. 88)

É mais fácil lutar por questões que dialoguem com a realidade na qual se está inserido. Nesse sentido, a marginalização decorrente da

discriminação racial não faz parte do contexto de vida de mulheres brancas, ocasionando em lutas e discussões que não envolvem esses temas. Por isso, hooks (2019), em sua obra *Teoria Feminista: da margem ao centro*, afirma que, para as mulheres conduzirem os movimentos feministas de maneira justa, elas precisam, primeiramente, internalizar e praticar a sororidade, pois apenas dessa maneira haverá a quebra de alguns rótulos e das rivalidades que impedem as mulheres de unirem-se contra o sistema sexista:

Ensinam-nos que as mulheres são inimigas ‘por natureza’, que nunca existirá solidariedade entre nós, pois não conseguimos, não devemos unir-nos umas às outras, nem o fazemos. Aprendemos bem estas lições. Se queremos construir um movimento feminista duradouro, temos de as desaprender. Temos de aprender a viver e trabalhar em solidariedade. Temos de aprender o verdadeiro significado e valor da Sororidade. (HOOKS, 2019, p. 46)

Essa fragmentação do gênero feminino em questão de luta pela autonomia feminina resulta na falta de sororidade, pois a grande maioria das mulheres não conseguem compreender que as lutas devem ocorrer de forma coletiva e, ao mesmo tempo, heterogênea. A patroa de Pauline expõe a falta de sororidade quando não se solidariza pela situação de uma mulher negra:

Aí eu fiquei tão desesperada que perguntei se ela me emprestava o dinheiro. Ela ficou calada um tempo e depois disse que eu não devia deixar um homem tirar vantagem de mim. Que eu devia ter mais respeito e que era dever do meu marido pagar as conta, e que se ele não podia pagar, eu devia ir embora e fazer ele me pagar uma pensão. Tudo muito simples. Com que dinheiro ele ia me dar uma pensão? (MORRISON, 2019, p. 88)

Nesse trecho, é possível perceber como era confortável que as mulheres brancas “feministas” exigissem o mesmo posicionamento de luta e consistência política de mulheres negras que viviam em uma realidade totalmente oposta. É importante observar a contradição presente nos movimentos feministas iniciais que, embora utilizassem o lema de “luta pelas mulheres”, ignoravam totalmente as disparidades sociais entre brancos e negros. O fato de a patroa de Pauline expor um pensamento progressista totalmente baseado em suas vivências elitistas demonstra que não havia empatia real em relação ao outro absoluto; além disso, ela não pagou o que devia para Pauline, não porque não podia pagar, mas porque era normal que o negro não fosse visto pelo viés da solidariedade, apenas pela perspectiva da exploração e objetificação. A Sra. Fisher luta de acordo com suas prerrogativas, mas Pauline, apesar de não possuir a mesma politização da patroa, detém uma crítica racial que não a permite colocar o feminismo elitista acima de suas raízes.

Importa, sobre os papéis femininos, entender que, ao contrário do que o patriarcalismo pregava para as mulheres brancas, em serem subservientes, donas de casa, entre outros estereótipos de fragilidade, submissão e docilidade, as mulheres negras, escravizadas, precisaram aprender a ter autonomia, força, resistência, sendo mesmo masculinizadas. Ao contrário, homens negros não foram forçados a assumir papéis femininos:

As mulheres negras trabalharam nos campos lado-a-lado com os homens, mas poucos ou nenhum homem negro trabalhou lado-a-lado com as mulheres negras na casa (com a possível exceção dos mordomos, cujo status foi mais alto do que a criada). Assim, seria muito mais justo que os estudiosos examinassem a dinâmica da opressão sexista e racista durante a

escravatura à luz da masculinização das mulheres negras e não da desmasculinização dos homens negros. (HOOKS, 2014, p. 18)

Pauline, de *O olho mais azul*, é a personificação dessa mulher forte que não teve outras alternativas para sobreviver que não fossem de muito trabalho. Mulheres negras não eram vistas como delicadas, indefesas e dependentes, como esclareceu Sojourner Truth, pois, para a sociedade em geral, elas não se caracterizavam, de fato, como mulheres – apenas quando era conveniente para uma sociedade dominada pelo racismo e pelo sistema monetário que influenciava diretamente na exploração. Além disso, essa intensa rotulação a mulheres negras como fortes e indelicadas ocasiona na falta de afeto para essas pessoas na sociedade. Essa diferenciação de estereótipos para pessoas brancas e negras influencia em certa animalização do grupo marginalizado, que acaba internalizando esses conceitos e aceitando a falta de cuidados e afetos por parte do outro, por isso, como colocado anteriormente, tanto Pauline quanto Cholly não são capazes de amar Pecola.

No caso de Pecola, o contexto era ainda mais desolador, uma vez que ela vivia em um local totalmente desestruturado, nunca recebeu afeto real ou respeito. Embora Maya também pertencesse a um grupo de pessoas marginalizadas pelo racismo, ela tinha quem lhe desse amor, ela tinha uma fuga desse mundo; Pecola nunca teve esse lugar de acolhimento, de afeto, mesmo que mínimo. Em *Eu sei porque o pássaro canta na gaiola*, a personagem principal demonstra ser extremamente carinhosa, principalmente pela forte ligação com o irmão. Ela mostra ser totalmente contrária a esses padrões impostos à figura feminina negra, pois uma suposta demonstração de carinho

por parte do padrasto fez com que ela se apegasse a ele, evidenciando o ser ingênuo e delicado que ela era. Pela falta de informação e de conhecimento, Maya não percebeu que se tratava de um abuso sexual e acreditou que o homem estava fazendo carinho nela:

Então ele ficou quieto, e aí veio a parte boa. Ele me abraçou com tanto carinho que desejei que nunca me soltasse. Eu me senti em casa. Pelo jeito como ele estava me abraçando, soube que nunca me soltaria nem deixaria nada de ruim acontecer comigo. Ele devia ser meu verdadeiro pai e nós finalmente tínhamos nos encontrado. Mas aí ele rolou para o lado, me deixou em um lugar molhado e se levantou. (ANGELOU, 2018, p. 65)

Maya cresceu sem a presença paterna e materna, sempre foi criada pela avó e pelo tio, diante disso, ela transferia todo amor e carinho para o seu irmão, mas sentia falta de ser amada pela mãe e pelo pai. Ao ser abusada pelo padrasto, Maya não possuía conhecimento sobre o próprio corpo e confundiu o assalto sexual ao amor que ela queria receber de um pai. Esse fato também mostra a necessidade de uma pessoa negra ser aceita e amada, no caso de Pecola e de Maya, que acreditavam que isso só seria possível com a mudança étnica e de fenótipo, ambas foram violentadas por adultos que deveriam demonstrar cuidado: no caso de Pecola, pelo pai; e no caso de Maya, pelo padrasto.

Após Cholly tornar-se alcóolatra, Pauline é quem sustenta os filhos, mas não consegue demonstrar-lhes afeto. A filha de Pauline cresce vivenciando essa falta de afeto e a violência do pai. A isso, se acresce o fato de que era vista e apontada como feia, o que influencia nela o sentimento de inferioridade. Não se trata de uma desvalorização própria sem fundamentação, mas da incorporação ideológica que é

reproduzida diariamente nos aparelhos ideológicos e que fazem com que a população em geral, inclusive os atingidos, vejam determinadas características como feias e repugnantes. Nesse contexto, Pecola vive em uma sociedade que desvaloriza todas as suas características físicas, sendo impossível para ela pensar em desacordo a esse sistema opressivo que a acompanha durante toda a vida. Por isso, ela expressa seu desejo em possuir olhos azuis:

Toda noite, sem falta, ela rezava para ter olhos azuis. Fazia um ano que rezava fervorosamente. Embora um tanto desanimada, não tinha perdido a esperança. Levaria muito, muito tempo para que uma coisa maravilhosa como aquela acontecesse. Lançada dessa maneira na convicção de que só um milagre poderia socorrê-la, ela jamais conheceria a própria beleza. Veria apenas o que havia para ver: os olhos das outras pessoas. (MORRISON, 2019, p. 37)

Em muitos casos, ter olhos azuis está relacionado ao embelezamento, entretanto, como pode ser analisado na obra, o desejo por essa particularidade está além da aspiração estética. Para Pecola, ter olhos azuis significaria, também, viver de maneira confortável e tranquila, algo que nunca foi possível diante do preconceito racial que sofria. De certa forma, esse pensamento é reflexo não apenas de características físicas naturais de cada ser humano, mas também da reprodução desses traços em outros tipos de referências – como no cinema, citado anteriormente –, demonstrando que, mesmo em uma sociedade com sujeitos multifacetados, os produtos consumidos pela sociedade em geral possuíam referências homogêneas da branquitude.

As duas personagens protagonistas dos romances aqui analisados, Pecola e Maya, além de outras personagens, podem ser vistas como

figurações simbólicas de como mulheres negras são interpeladas por questões além do sexismo, como o racismo, a pobreza e a marginalização estética decorrente dessas condições. As análises aqui empreendidas evidenciam que é importante desenvolver estudos que discutam outras camadas além daquelas que frequentemente estão em notação. Nesse caso, o feminismo negro torna-se uma temática de extrema relevância e necessidade diante das conjunturas raciais e sociais envolvidas no processo de desmoralização da mulher não-branca. Também é importante investigar não apenas os estereótipos negativos impostos para essa figura feminina, mas quais os contextos históricos que possibilitaram atingir esse nível de segregação e preconceito. São questões que devem ser exploradas desde os contextos mais antigos (como a escravidão negra), pois é desde essas épocas que o preconceito pela mulher negra se fortaleceu, e potencializou efetivas e duradouras discriminações.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES (NUNCA FINAIS)

Percebe-se que os movimentos feministas não devem ser discutidos e vivenciados como se fossem hegemônicos, pois, historicamente, existiram situações que impossibilitavam a igualdade entre as próprias mulheres. Diante de lutas que, de certa forma, não contemplam mulheres que sofrem diversos tipos de discriminações, não há efetiva oposição contra a opressão feminina, mas um reforço do racismo estrutural que impossibilita mulheres não-brancas de possuírem opções para ocupar outras áreas, estando sempre limitadas aos trabalhos domésticos e outros que as coloquem em posição de submissão e inferiorização social e econômica.

A universalização do feminismo é também elitista. Ao não se discutirem as diferenças de classe e de raça, os movimentos

continuaram seguindo as pirâmides de opressão. Por não haver qualquer consciência que restituísse o pensamento limitado desses movimentos, as mulheres não-brancas e de classe baixa jamais foram contempladas integralmente pelas reivindicações, além disso, por serem pretas e pobres, sobreviviam a partir de opressões ainda mais potencializadas. A falta de empatia e reflexão dentro dessas organizações não permitia que elas fossem nem mesmo consideradas. De acordo com Crenshaw:

O problema não é simplesmente que ambos os discursos falham às mulheres não-brancas ao não reconhecer a questão ‘adicional’ da raça ou do patriarcado, mas que os discursos são muitas vezes inadequados até mesmo às tarefas discretas de articular as dimensões completas do racismo e do sexismo. Como as mulheres não-brancas vivenciam o racismo de maneiras nem sempre as mesmas que as experimentadas por homens não-brancos e sexismo de maneiras nem sempre paralelas às experiências das mulheres brancas, o antirracismo e o feminismo são limitados, mesmo em seus próprios termos. (2017, p. 13, tradução de Carol Correia)²

É muito difícil que mulheres não-brancas se sintam acolhidas por lutas que não pautam suas necessidades integralmente. A vivência da mulher negra não se equipara ao sexismo da mulher branca, pois cada corpo possui representação diferente para a sociedade racista e sexista; assim como as lutas antirracistas também não a contemplam, por não perceberem as discussões sobre gênero como necessárias.

2 “The problem is not simply that both the discourses fail women of color by not acknowledging the ‘additional’ issue of race of patriarchy but that the discourses are often inadequate even to the discrete tasks of articulating the full dimensions of racism and sexism. Because women of color experience racism in ways not always the same as those experienced by men of color and sexism in ways not always parallel to experiences of white women, antiracism and feminism are limited, even on their own terms” (CRENSHAW, 1991, p. 1252).

Como colocado anteriormente, é essencial analisar profundamente e investigar os estereótipos atrelados à figura feminina, pois se dá certa percepção de que todas as mulheres são incluídas nesses estereótipos, o que não acontece na realidade.

Como pode ser observado em *O olho mais azul*, a comunidade na qual Pecola está inserida e a convivência estabelecida com as pessoas desse espaço é a representação ideal de uma mulher negra incluída em um sistema completamente desfavorável às suas raízes. Por consequência da marginalização imposta a ela, diversas formas de violências se interseccionam e contribuem para seu processo de sofrimento e posterior loucura. Da mesma forma, em *Eu sei porque o pássaro canta na gaiola*, Maya, em sua capacidade de amar e sua carência por afetos, confunde o assalto sexual com carinho.

Outro aspecto observado é como a maternidade é vista em mulheres negras, mesmo décadas após a escravização, quando as mulheres escravizadas eram estupradas para terem mais e mais filhos, gerando lucro aos escravizadores. Pauline é comparada a um animal em seu parto, sem nenhuma romantização sobre sua gravidez ou seu bebê, o que normalmente se dava com mulheres brancas, de classes média e alta.

Evidencia-se o colorismo agindo de maneira a fragmentar mesmo as relações negras, de tal modo que Pecola e Maya sonham com a branquitude. Em *Eu sei porque o pássaro canta na gaiola*, Maya possui um ambiente familiar mais acolhedor, mas ainda assim imagina-se branca e “fofa” para conseguir ser mais aceita, admirada, vista como bonita, o que também a transformaria em alguém mais bondoso, numa associação entre a branquitude e a bondade. A mesma inadequação estética assalta Pecola e sua mãe Pauline,

ambas lutando contra a feiura internalizada, uma desejando olhos azuis e tudo o que isso representaria, um mundo de branquitude e aceitação; a outra, incapaz de amar a própria filha, negra demais, feia demais para ser amada. Todas as personagens incorporaram os reais e verdadeiros padrões estéticos impossíveis, inatingíveis, pois brancos, o que leva à internalização da invalidação de seus corpos, de sua aparência, de sua própria existência.

REFERÊNCIAS

ANGELOU, Maya. *Eu sei porque o pássaro canta na gaiola*. Tradução de Regiani Winarsk. São Paulo: Astral Cultural, 2018.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. 2 livros. Tradução de Sérgio Millet. 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CRENSHAW, Kimberle W. *Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não-brancas*. Tradução de Carol Correia. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mapeando-as-margens-interseccionalidade-politicas-de-identidade-e-violencia-contra-mulheres-nao-brancas-de-kimberle-crenshaw%E2%80%8A-%E2%80%8Aparte-1-4/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

CRENSHAW, Kimberle W. *Mapping the margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color*, 1991.

DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

FANINI, Angela Maria Rubel; AMARAL, Jucélia; SANDRINI, Paulo Henrique da Cruz. Maya Angelou: biografia e crônica social em *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*. *Revista Criação & Crítica*, [S. l.], n. 27, p. 163-181, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/171161>. Acesso em: 5 mar. 2023.

HOOKS, bell (1981). *Não sou eu uma mulher*. Mulheres negras e feminismo. Plataforma Gueto, 2014. Disponível em: https://plataformagueto.files.wordpress.com/2014/12/nc3a3o-sou-eu-uma-mulher_traduzido.pdf. Acesso em: 5 mar. 2023.

HOOKS, bell. *Teoria Feminista: da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MORRISON, Toni. *Amada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MORRISON, Toni [1970]. *O olho mais azul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro*. São Paulo: Editora Schwarcz, 2018.

SEGAL, Ronald. *The Black Diaspora: Five Centuries of the Black Experience Outside Africa*. New York: Noonday, 1995.

SOUZA, Luiz Augusto de Assis. *Episódios de opressão cotidiana no romance O olho mais azul*. 2022. 61p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras – Inglês). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

WALKER, Alice. *In search of our mothers' gardens: womanist prose*. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich, 1983.

WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.